

TEMPO, CORTE E ATO: O ACONTECIMENTO ANALISTA

*“Repetir repetir — até ficar diferente
Repetir é um dom do estilo”¹.*

O manejo que o poeta Manoel de Barros se permite fazer com as palavras nos oferece uma ocasião para apreender a relação do tempo com a invenção. Repetir até ficar diferente, repetir até extrair da repetição um estilo.

Palavras de poeta que nos levam a interrogar a relação do inconsciente com o tempo, nos introduzindo em uma dimensão que pode subvertê-lo e não só deixando-o fixado em um escrito a ser repetido indefinidamente, para prová-lo como necessário incansavelmente.

Nosso eixo de trabalho vai nos permitir interrogar como se entrelaçam o epistêmico, o clínico e o político na presença do analista em nosso tempo. Um tempo de imperativos de gozo imediato, de objetos *prêts-à-porter*, que dificultam o consentimento com os intervalos, as suspensões, que estejam a serviço não de formas de evitação do real, mas de precipitação ao ato que tenha valor subjetivo.

Convidamos desde já nossos colegas a nos transmitirem em nosso Encontro como experimentam esse entrelaçamento em sua prática no consultório e fora dele.

O tempo subvertido: Freud

A psicanálise foi inventada por Freud a partir do seu encontro com as manifestações corporais das histéricas, fenômenos de uma época que escapavam às explicações e ao controle da ciência. Freud as escutou e se fez presente de forma diferente dos médicos de sua época. Ele não só as escutou, mas extraiu de sua escuta algo que as re-situava em relação aos fenômenos corporais dos quais padeciam. Freud apostou que as histéricas poderiam dizer algo sobre o que lhes escapava. Ele abriu um lugar de endereçamento para a estranheza que emergia nos lapsos, nos sonhos, nos chistes e assim inventou o inconsciente atemporal que acolhe a repetição e o leva a buscar na textura histórica o que irrompe como acontecimento. Ele recolhe a incidência traumática dos acontecimentos que vêm à tona nessas manifestações. Um passado que se faz presente.

O tempo subvertido: Lacan

Lacan adere à hipótese do inconsciente freudiano² e à subversão temporal que ela introduz. Ele a coloca a trabalho, introduzindo novos elementos para ler o que no presente permanece vivo das marcas deixadas por acontecimentos passados. “Algo comparável a um escrito que é condição da fala e não sua versão acabada. Um ‘desde sempre’, ao invés de um ‘para sempre’³”. O desdobrar linear dos acontecimentos é subvertido pela dimensão do *a-posteriori*, da retroação e será possível tirar novas consequências dessa reversão temporal. Ao interrogar, ao longo de seu ensino, esse “já escrito”, surge a necessidade lógica da invenção do objeto *a* que vai incidir na forma de estar

presente e de escutar seus pacientes. O manejo do tempo da sessão ganha um lugar decisivo na operação analítica.

O sujeito-suposto-saber em questão

Articulado ao analista como objeto *a*, Lacan estabelece o matema da transferência a partir do sujeito-suposto-saber, estabelecendo uma “nova aliança entre o tempo e o inconsciente”⁴, que terá consequências no manejo do tempo na sessão e na relação com o saber⁵. Para dar esse passo, Lacan considerou o que se passava no avesso da suposição e foi buscar no tempo lógico a presença do tempo libidinal.

O movimento de retroação temporal que se produz numa análise vai visar na textura dos significantes que emergem e se escrevem no “quadro do saber”⁶ o furo produzido por sua incidência traumática. E a sessão analítica vai ser regida não pelo relógio, fator externo ao que se passa nela, mas pelo que ali acontece.

O analista não se reduzirá a fazer parte do conceito do inconsciente como lugar de endereçamento⁷. A sua presença incidirá de forma viva no corte e na interpretação em ato. A sessão, portanto, não se orienta pelo tempo em sua duração, mas pelo instante em que fulgura o estava escrito, quando ele se apresenta e se presentifica, pois o inconsciente ganha uma dimensão de separação quando se localiza o objeto em jogo no “já escrito”.

Será na estrutura de mal-entendido, de engano, própria do sujeito suposto saber⁸, que Lacan vai encontrar a possibilidade da emergência do ato do analista. Só quando se consente com o S(A barrado), a falha estrutural no Outro, impossível de anular ou de preencher, é que o ato se dá em sua dimensão de certeza.

No apólogo dos três prisioneiros, o ato de saída da prisão só se torna possível, quando se corre o risco. No *a posteriori* das escansões, no movimento de uma parada e um partir de novo, que leva à certeza antecipada. Os três tempos lógicos que Lacan extrai desse apólogo: instante de ver, tempo para compreender, momento de concluir, trazem à tona que o que se tem para compreender só leva à saída se permitir uma conclusão enviesada (*de travers*)⁹. O tempo para compreender toma outra dimensão a partir do corte e da interpretação que toca na equivocidade da palavra¹⁰. Não é uma compreensão sem limite na duração da sessão, mas uma compreensão que leva em conta o que faz corte.

O encontro do sujeito com a linguagem produz efeitos no corpo que ficam inscritos como excesso e como furo. Lacan pôde destacar do traumatismo (*troumatisme*), o furo (*trou*), naquilo que se produziu como excesso no gozo sem sentido que se experimentou. No movimento de retroação temporal que a experiência do inconsciente em uma análise provoca no encontro com um analista, algo pode acontecer que abre, perfura o excesso que ali se instalou, faz aparecer o vazio.

Nossa questão é de saber como fazer do entrave que representa o sintoma, um modo de circunscrever o vazio, que possa extrair do gozo sua dimensão mortífera, mortificante.

A presença do analista, para tanto, parece crucial para que isso possa acontecer: em uma sessão de análise, uma paciente conta sobre suas crises de pânico em que sente seu corpo fugir. Sem nenhum acontecimento extraordinário que desencadeasse tais crises, fala de seu “jeito” de estar

com o Outro, sempre atravessada por um vai-e-vem de preocupações em que ressalta uma grande necessidade de agradar. É quando nomeia esse seu jeito como “agradador”. A analista repete a palavra e, em seguida, corta a sessão ouvindo, da paciente, os ecos da surpresa de uma palavra que nem sequer existe, mas que, no entanto, diz. O analista como corte circunscreve, no que ouve, um dizer que se lê de outra maneira. No “agradador” há um gozo do sintoma que toca o corpo. O corte é sempre uma aposta, ato analítico que visa o gozo alojado na materialidade (*moterialité*) significante.

O que perfura já estava lá, embora encoberto, a letra no significante, que dá ao objeto *a* de Lacan um novo lugar, o de inscrever um vazio através do qual podem se enlaçar os registros simbólico, imaginário e real para sustentar o sintoma. O furo que a letra inscreve no significante abre para um novo saber fazer com o sintoma, dando a ele a chance de funcionar não como entrave, mas como modo de proporcionar uma nova satisfação. Anna Aromi, em seu relato de passe diz:

O fim de minha análise me permitiu descobrir as letras com as quais minha fantasia foi escrita. Não somente eu pude lê-las — o que já é muito —, mais ainda me servir delas para re-escrever alguma coisa de diferente. A análise, nesse sentido, é como uma re-escrita¹¹.

E ela acrescenta: “A alegria do passe é uma alegria advertida do que não está escrito para sempre, mas a re-escrever constantemente”¹².

Uma análise é a oferta de um encontro vivo que permite manter aberto o furo que abre a novas escritas, que dá a chance de manejar de forma diferente as letras que marcaram nosso corpo e que tornaram necessária a construção de sintomas, de ficções para tratar o excesso de gozo opaco que elas deixaram.

Uma análise nos ensina que o rodar em círculos da repetição deixa no centro um vazio, que só terá valor de abrir para o novo a partir da operação de corte sustentada pelo analista. Movimento que se desenvolve em espiral¹³.

Clínica borromeana

O corte faz intervalo não só no que se repete na cadeia significante S1-S2, abrindo para outras leituras, mas por incidir na própria insistência do significante sozinho que não faz cadeia, que J.-A. Miller destacou como *reiteração*. Em nossa prática contemporânea, essa reiteração fica bem mais evidente. E coloca para o analista uma questão nova: como estar presente, como fazer corte para abrir brechas na insistência de um gozo opaco e sem sentido? O que está em jogo nesses casos não é uma busca de saber, de decifrar o que parece estranho ao sujeito. A demanda vem atravessada por um imperativo de gozo imediato, um mais e mais insaciável. A coragem ética do analista se fará presente em suas invenções para fazer valer pelo corte, intervalos que, em muitos desses casos, se exerce no próprio ir e vir às sessões. E isto torna fundamental a presença do analista com seu corpo em um lugar que provoque um reviramento no tempo e com os cortes possibilitando um novo enodamento entre superfície e tempo¹⁴.

Uma vinheta nos ensina sobre os efeitos deste manejo do tempo, ao qual a analista se empenha à forma que a paciente inventou de fazer intervalos e de utilizar mensagens de *whatsapp* para transmitir suas construções. Ela procura um analista em razão de sucessivos desligamentos do Outro social não conseguindo se fixar ou se envolver no trabalho. Está perdida e imersa em uma multiplicidade de atividades dispersas. Às vezes fala de livros que leu sobre assuntos de seu interesse, mas não faz uso desse saber. Além disso, envia sempre fotos dos seus trabalhos de tecelagem. Após um episódio em que se angustia, suspende o encontro presencial com a analista mantendo só mensagens no *whatsapp*. A analista, presente como olhar furado, perfura a consistência imaginária e permite uma amarração tecida no manejo do tempo, abrindo intervalos entre o corpo e o pensamento, entre as alternâncias de presença/ausência, entre as dimensões do espaço e do tempo.

O ir e vir serviam de instrumento para a tecelagem que ela ia fazendo por intermédio de sua arte permitindo usá-la em outra função. Com o manejo do tempo a serviço da tecelagem, o analista acontece como presença sutil no tecido das invenções e nos imprevistos ao longo do percurso. Acolher esse tipo de paciente e poder sustentar essa prática como analítica requer tirarmos consequência da clínica borromeana que Lacan nos legou.

Contamos com o que vocês poderão nos transmitir em nosso Encontro do acolhimento em suas práticas de pacientes e de situações que, inclusive, poderiam parecer inacessíveis à psicanálise, e que, graças à presença viva, em corpo do analista puderam ser tratadas.

A presença real do analista com seu dizer, com seu corpo pode funcionar como testemunha do que se perde¹⁵. Esta indicação de Clotilde Leguil é fundamental para pensarmos o analista incluído no conceito do inconsciente¹⁶, não apenas como lugar de endereçamento, mas com sua presença viva que contribui para não deixar desaparecer a manifestação contingente do inconsciente e sua função operatória na nossa prática, hoje com as novas demandas motivadas pela urgência de gozo que termina por se transformar em angústia. Quando o imperativo é gozar, o supereu fica solto nas suas exigências, com apoio do que vigora na nossa época. No encontro com um analista, no corpo a corpo da sessão analítica, que implica corte e ato, algo se perde e precisa de uma testemunha, para poder ter efeito de abertura para outra coisa, para algo que possa vir a ser assumido como um estilo, dito pelo poeta, ou como um sintoma, no dizer do analista.

Analista: presente! Como essa afirmativa subverte o empuxo de nossa época a viver o presente, sem passado e sem futuro, que leva a um vale tudo, eliminando a responsabilidade por suas consequências. Em que isso se diferencia do que se indica na frase da canção de Geraldo Vandré, “*quem sabe faz a hora não espera acontecer*”. Esse saber que faz a hora não é aquele sobre o passado com seu peso de determinismo, nem aquele do futuro como consequência inabalável desse passado. Mas um saber aberto à contingência, tocado pelo imprevisível.

Fiquemos atento às surpresas que a prática do psicanalista nos oferece.

Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros
(EBP/AMP)

NOTAS:

¹ Barros, M. *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016, p. 16.

² Miller, J.-A. *Los usos del lapsó*. Buenos Aires: Paidós, 2010.

³ Barros, R. do R. “Apresentação”. Miller, J.-A. *A erótica do tempo*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000, p. 7.

⁴ Miller, J.-A. *Los usos del lapsó*. Buenos Aires: Paidós, 2010, p. 14.

⁵ *Ibid.* p. 91-116.

⁶ Lacan, J. “Proposição de 9 de outubro de 1967”. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 254.

⁷ Leguil, C. “Presença do psicanalista como testemunha da perda”. *Boletim Punctum Extra*. Disponível em: <http://encontrobrasileiroebp2022.com.br/presenca-do-psicanalista-como-testemunha-da-perda/>

⁸ Lacan, J. “O engano do sujeito suposto saber”. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 339. “Na estrutura do engano do sujeito suposto saber, o psicanalista (mas quem é, e onde fica, quando é – esgotem a lira das categorias, isto é, a indeterminação de seu sujeito – o psicanalista?), o psicanalista, no entanto, tem que encontrar a certeza de seu ato e a hiância (*béance*) que o constitui”.

⁹ Lacan, J. Seminário *Les Non-Dupes Errent*. Aula de 09 de abril de 1974. Inédito.

¹⁰ Brousse, M. H. “O equívoco”. Texto apresentado nas Jornadas da ECF, 8-9 de outubro 2011, Práxis lacaniana da psicanálise. “Esse é o princípio que dá ao equívoco seu valor de ferramenta em psicanálise, faz passar da necessidade repetitiva à contingência do possível. Para apreender-se com tal, o equívoco empurra à escrita, arrastão *sinthoma* até o real e não até o discurso, a um ‘tem sido assim, mas que a um ‘isso quer dizer’”.

¹¹ Aromi, A. «Un littoral d’écriture». *Mental : revue internationale de psychanalyse*, n° 32. Ce qui ne peut se dire, ce qui s’écrit “. Novembro, 2014.

¹² *Ibid.*

¹³ Miller, J.-A. «Os trumains». Lição de 2 de maio de 2007 do curso de J.-A. Miller. *A orientação lacaniana. O último Lacan (2006-2007)*. Versão estabelecida por Pascale Fari e traduzida em português por Vera Avellar Ribeiro. Disponível em: https://congressoamp2020.com/pt/articulos.php?sec=el-tema&sub=textos-de-orientacion&file=el-tema/textos-de-orientacion/20-03-02_los-trumans.html

¹⁴ Lacan, J. *Seminário Les non-dupes errent*. Aula de 9 de abril de 1974. Inédito.

¹⁵ Leguil, C. “Presença do psicanalista como testemunha da perda”. *Boletim Punctum Extra*. Disponível em: <http://encontrobrasileiroebp2022.com.br/presenca-do-psicanalista-como-testemunha-da-perda/>

¹⁶ Lacan, J. *O Seminário, livro II, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.